

JAZZ

2 DEZEMBRO 2017

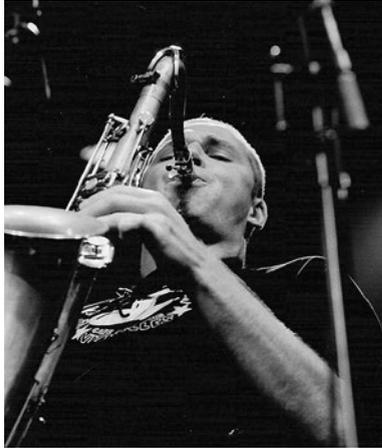
CICLO "ISTO É JAZZ?"

COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

Akosh / Benjamin Duboc

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Sáb 2 de dezembro · 21h30
Pequeno Auditório · Duração: 1h · M6

Saxofone tenor Akosh **Contrabaixo** Benjamin Duboc

Em busca da liberdade

Num tempo em que os músicos e a música que tocam pertencem a uma cena específica ou a um determinado estilo, o caso do saxofonista Akosh S. é único: sendo indubitável o lugar que este exilado da Hungria (fugiu para Paris na década de 1980, quando o seu país estava ainda sob regime totalitário) ocupa no jazz de França, os seus projetos não podiam ser mais pessoais. Tocar com ele só pode implicar duas situações, ou uma adaptação às suas premissas nas situações em que a música o tem como autor e responsável ou um diálogo com

as mesmas nas situações colaborativas, mas um diálogo que tem implícita logo à partida a aceitação de um não aprisionamento a expectáveis linhas de conduta musical, o único quadro em que aquilo que dá em volta é um compromisso com o que recebe.

Akosh Szelevenyi não aceita rótulos para o que cria, transcende-os: «As etiquetas fazem com que as pessoas fujam.» Ainda assim, é habitual que a imprensa especializada o coloque no campo do *free jazz* ou do jazz criativo. Ele diz que não: «O *free jazz*, aliás todo o jazz, é elitista.» Na sua opinião, este género e todas as suas vias enfermam de uma doença, o intelectualismo. «A minha música é inteligente, não intelectual», sustenta.

Será sobretudo por esse motivo que insiste em utilizar elementos da tradição húngara nas suas composições.

Ainda que tudo o leve a manter-se afastado da Hungria, hoje uma nação convertida ao capitalismo mais selvagem e governada pela direita nacionalista, é para todos os efeitos essa a cultura de que provém. As melodias a que vai beber do folclore magiar, bem como o espólio de compositores clássicos que neste se inspiraram como Béla Bartók e Zoltan Kodaly (tem formação erudita em clarinete e fagote), garantem à sua música um condicionalismo popular. Ou, como ele diz, «uma herança, uma territorialidade, uma etnicidade» muito concretas, envolvendo um povo e uma história concreta, características que se foram perdendo com a universalização do jazz.

Este é um posicionamento a nível de atitude que engloba, inclusive, aspetos da pop, e daí o seu apreço pelas canções orelhudas dos Abba e as parcerias que teve nos anos 1990 com o grupo francês de rock Noir Désir, declarando inclusive que partilha com este uma ligação a nível de forma, «se bem que não de conteúdo». A inclusão nos seus grupos de figuras como o violinista de música irlandesa Joseph Doherty ou de Bob Coke, o produtor de Ben Harper, explicam igualmente esta sua opção não-intelectualista. O conteúdo, esse, deriva do que conseguiu ouvir na adolescência, no lado de lá da Cortina de Ferro, dos discos gravados por figuras como John Coltrane, Albert Ayler, Ornette Coleman e Eric Dolphy. Todos eles podemos reconhecer, aqui ou ali, nos seus típicos “lençóis de som” (“sheets of sound”), expressão utilizada pelo crítico Ira Gitler para descrever os

solos de Coltrane), por vezes adquirindo um carácter hipnótico e de transe.

«A minha música é misturada e eu não lhe quero dar uma definição», argumenta. Se recusa o estatuto de músico de jazz, já reclama para si a honestidade da improvisação e «a abertura desta à vida». Está aqui outro fator essencial para compreender o percurso solitário, não obstante os muitos interlocutores que foi somando no seu particularmente rico percurso, de Akosh S., e tem dimensão ética. Para si, apenas faz sentido que a música seja um reflexo da vida, não algo que a substitua ou ignore: «Aprendi mais sobre música a cortar papel durante um ano numa tipografia do que se estivesse em casa a praticar. É necessário meter a vida na música ou esta não vale a pena.»

Quando veio para o Ocidente, aos 20 anos de idade, tinha já em mente o que desejava que a sua música fosse e uma decisão formada: não fazer quaisquer concessões artísticas para poder sobreviver. Durante os primeiros anos em França, recorreu a múltiplos biscates para comer e pagar as contas, e era na rua que atuava, com uma caixa diante de si para as moedas. «Toquei na rua, em pontes, no metro e em garagens subterráneas. No metropolitano fi-lo poucas vezes, porque não queria incomodar as pessoas e mesmo que não tocasse alto aquilo ressoava. Nas pontes sim, era ótimo, por causa do som e porque me lembrava de um disco de Sonny Rollins, *The Bridge*», conta.

Neste aspeto, Akosh S. está plenamente de acordo com um princípio que Dolphy também seguia: o de que

é preferível morrer de fome numa ilha deserta do que mudar a sua música de maneira a torná-la mais “aceitável”. Afirmar Szelevényi: «Precisamos de distinguir o que é importante do que é secundário. É sempre possível arranjar um modo de ganhar dinheiro sem nos vendermos.» Para este, mais importante do que as questões materiais é a liberdade. Ouvir Albert Ayler na Hungria dita comunista era um ato de liberdade, um ato político contra a ditadura, não muito diferente do que aconteceu em Portugal, na salazarista década de 1940, quando se escutava Louis Armstrong. Sair da Hungria, para mais quando estava iminente a sua prisão, significou para si uma entrega às possibilidades que se abriam por uma prática de música livre que fosse consequência de uma liberdade de movimentos e de consciência. Começou por fazer a música dos espetáculos do encenador e escritor François Cervantes, com o grupo de teatro L'Entreprise, e depois vieram o quarteto com Philippe Foch, Bernard Malandain e Michèle Veronique, uma gravação com o histórico norte-americano Dewey Redman e uma parceria com Louis Sclavis e Ernst Reijsegger.

Até que surgiu, finalmente, a Akosh S. Unit, seguindo o exemplo do Art Ensemble of Chicago no multi-instrumentalismo dos seus membros, mas inspirando-se nas *units* de Cecil Taylor. Assim como surgiu o formato que parece estar entre os favoritos deste nosso visitante, o duo: vários foram colocados em disco, com Joelle Léandre, e Rikm, Gildas Etevenard e

Sylvain Darrifourcq, e outros aguardam documentação em suporte físico, com Denis Charolles e Valentin Ceccaldi. Acrescenta-se, por enquanto ainda apenas nos palcos, este que agora tem início, com o contrabaixista Benjamin Duboc – o mesmo que já vimos e ouvimos ao vivo em Lisboa, num grupo liderado por Luís Lopes que incluía Sei Miguel, Joe Giardullo e Harvey Sorgen, Afterfall. De um diálogo se trata, desta feita, e com um músico que também parece ter o dueto como uma preferência, dadas as combinações que já desenvolveu com Itaru Oki, Jean-Luc Petit, Didier Lasserre, Sylvain Guérineau e Pascal Battus.

Akosh S. e Benjamin Duboc não podiam ser mais diferentes um do outro do que são. Também o último valoriza, acima de tudo, «estar totalmente no presente» de uma improvisação, tenha esta ou não uma moldura previamente escrita (prefere as situações em que não existe composição), e «tocar o que ouve», e também ele aprecia os motivos simples como ponto de partida, ou como fator de oposição, para construções complexas, mas se Szelevényi tem, apesar de tudo, vínculos de linguagem com o jazz e com o património musical cigano do seu país, o francês deriva das abordagens prescritas pela música contemporânea para o contrabaixo ou tenta um não-idiomatismo experimental. O que é curioso, sabendo que Akosh S. teve formação de conservatório e Duboc é um autodidata, apesar de pelo caminho ter recebido aulas técnicas de Jean-François Jenny-Clarke, talvez o mais importante contrabaixista de jazz que a

França já teve. Um valoriza a melodia e o fraseado, o outro o timbre e a textura. Um é essencialmente figurativo, o outro abstrato. Um faz depender a fluidez da música do seu sentido narrativo, o outro de uma ideia de (re)nascimento perpétuo, de «re-atualização» das derivas sonoras.

Akosh S. e Benjamin Duboc representam dois aspetos de uma mesma causa, a da constante luta pela liberdade que vimos testemunhando nos territórios da música exploratória, com todas as suas implicações técnicas, estéticas, sociais, políticas e até espirituais. Uma busca continuada que tem como premissa «colocar o instrumento como um prolongamento do corpo, na condição de amplificador da nossa interioridade, da nossa intimidade», como afirma o segundo. A música que tocam é, pois, a expressão da comunicabilidade de dois indivíduos que, como iguais, desejam saltar a barreira da solidão indo ao encontro do outro, assim estabelecendo uma célula-base sobre a qual possa edificar-se uma sociedade outra, alternativa, em que se possa entender a música e, globalmente, a vida como uma efetiva «partilha do ar» (para utilizar palavras de Duboc).

No mesmo período da sua caminhada em que Akosh S. está, com o coreógrafo e bailarino Josef Nadj, a fazer contas à comum identidade húngara, este novo projeto com Benjamin Duboc no domínio particular da música é mais um episódio, e pelo que tudo indica fundamental, das contas que vem fazendo com a própria condição humana, a sua e a nossa, enquanto ouvintes. Uma

coisa é certa: pode a sua música ser popular, mesmo que a remetam para o nicho onde se arruma tudo o que é considerado – tantas vezes equivocadamente – “vanguardista”, mas não é de entretenimento. É tão séria quanto respirar, tão séria quanto a «imaginação do ser humano», sendo de resto uma das emanações da capacidade que temos para irmos além do que biologicamente nos limita.

Rui Eduardo Paes

Ensaísta, crítico de música,
editor da revista *online jazz.pt*

Akosh S.
saxofone tenor

Akos Szelevényi de seu verdadeiro nome, Akosh S. nasceu em Debrecen, na Hungria, e fez os seus estudos musicais em Budapeste, tendo o fagote como primeiro instrumento. Foi a descoberta da música de Frank Zappa que o conduziu para o jazz, com a audição do seu conterrâneo Mihály Dresch a fazer com que se decidisse pelos saxofones. Perseguido pela polícia política, refugiou-se na década de 1980 em Paris e aí tem permanecido. Foi na capital francesa que fundou a Akosh S. Unit como principal célula de trabalho, com diferentes configurações até aos dias de hoje, e é nessa cidade também que vem colaborando com músicos dos mais diversos géneros e outros artistas, com destaque para o coreógrafo Josef Nadj.

Benjamin Duboc
contrabaixo

Compositor de música eletroacústica para além de contrabaixista e improvisador, Benjamin Duboc faz depender o seu modo de intervenção de noções como “presença” e “contexto”, dando a um concerto a mesma importância dramática e performativa com que encara as suas contribuições para o teatro e a dança. De formação autodidata, mas pelo caminho tendo tido Jean-François Jenny-Clarke como mestre, entende o contrabaixo como um ressoador da sua própria intimidade. Improvisar é para ele, acima de tudo, uma forma de relacionamento com os outros que ultrapassa os âmbitos musical e artístico. Tem uma máxima: nenhuma estética, nenhum caminho, apenas um mundo de possibilidades.

Próximo espetáculo

The Script

O Guião de Kassys

Teatro Seg 4, ter 5 de dezembro

Palco do Grande Auditório · 21h30 · Duração aproximada: 1h10 · M12



© Floyd Koster

Aqui não há personagens principais nem papéis secundários. Há apenas um papel e seis *performers* trazem em simultâneo a sua própria interpretação do mesmo solo. Há um grupo em palco e no entanto não há contacto direto, os seis agem separadamente. Mas os encontros acidentais e a necessidade de interação com um adversário testam a sua lealdade ao guião.

Próximo espetáculo de música

Pedro Moutinho

A Noite nos Poetas do Meu Fado

Música Qui 7 de dezembro

Grande Auditório · 21h30 · Dur. aprox. 1h30 · M6



A ligação entre a noite e o fado é o fio condutor do espetáculo que Pedro Moutinho concebeu especialmente para a Culturgest. Dos cerca de 25 fados que irá interpretar, há vários que no próprio título remetem explicitamente para essa união. São fados ditos tradicionais, em que a melodia está de tal forma construída que suporta vários poemas, o que permite interpretações muito diversas de tal modo que parecem fados sempre diferentes. As letras são da autoria de grandes poetas populares ou eruditos.

Conselho Diretivo**Presidente**

Paulo Moita de Macedo

AdministradoresJosé Ramalho
(Direção Executiva)Mark Deputter
(Direção Artística)**Assessores**Delfim Sardo (Artes Visuais)
Francisco Frazão (assessor
Teatro para temporada
2017-2018)Gil Mendo (assessor Dança
para temporada 2017-2018)**Serviço Educativo**Raquel Ribeiro dos Santos
João Belo
Tiago Cruz (estagiário)**Direção de Produção**

Margarida Mota

Produção e SecretariadoPatrícia Blázquez
Mariana Cardoso de Lemos
Jorge Epifânio**Exposições****Coordenação de Produção**

Mário Valente

ProduçãoAntónio Sequeira Lopes
Paula Tavares dos Santos
Fernando Teixeira**Culturgest Porto**

Susana Sameiro

ComunicaçãoFilipe Folhadela Moreira
Bruno Pereira**Publicações**Marta Cardoso
Rosário Sousa Machado**Atividades Comerciais**Catarina Carmona
Patrícia Blázquez**Serviços Administrativos
e Financeiros**Cristina Ribeiro
Paulo Silva
Teresa Figueiredo**Direção Técnica**

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

José Rui Silva

Assistente de**Direção Cenotécnica**
José Manuel Rodrigues**Audiovisuais**Américo Firmino (coord.)
Ricardo Guerreiro
Suse Fernandes**Iluminação de Cena**Fernando Ricardo (chefe)
Vitor Pinto**Maquinaria de Cena**Nuno Alves (chefe)
Artur Brandão**Técnico Auxiliar**

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

BilheteiraManuela Fialho
Edgar Andrade
Clara Troni**Receção**

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

**Coleção da Caixa Geral
de Depósitos**Isabel Corte-Real
Miguel Caissotti
Lúcia Marques
Maria Manuel Conceição
Jennifer do Coito (estagiária)
Carolina Machado
(estagiária)Edifício Sede da Caixa Geral de
Depósitos · Rua Arco do Cego nº50,
1000-300 Lisboa · 21 790 51 55
www.culturgest.pt